

Eu nasci dez mil anos atrás

Crânio encontrado em sambaqui de rio no Vale do Ribeira revela a cultura mais antiga de São Paulo

MARCOS PIVETTA

O

s primeiros habitantes pré-históricos da região hoje conhecida como o Estado de São Paulo estavam aqui um ou dois milhares de anos antes

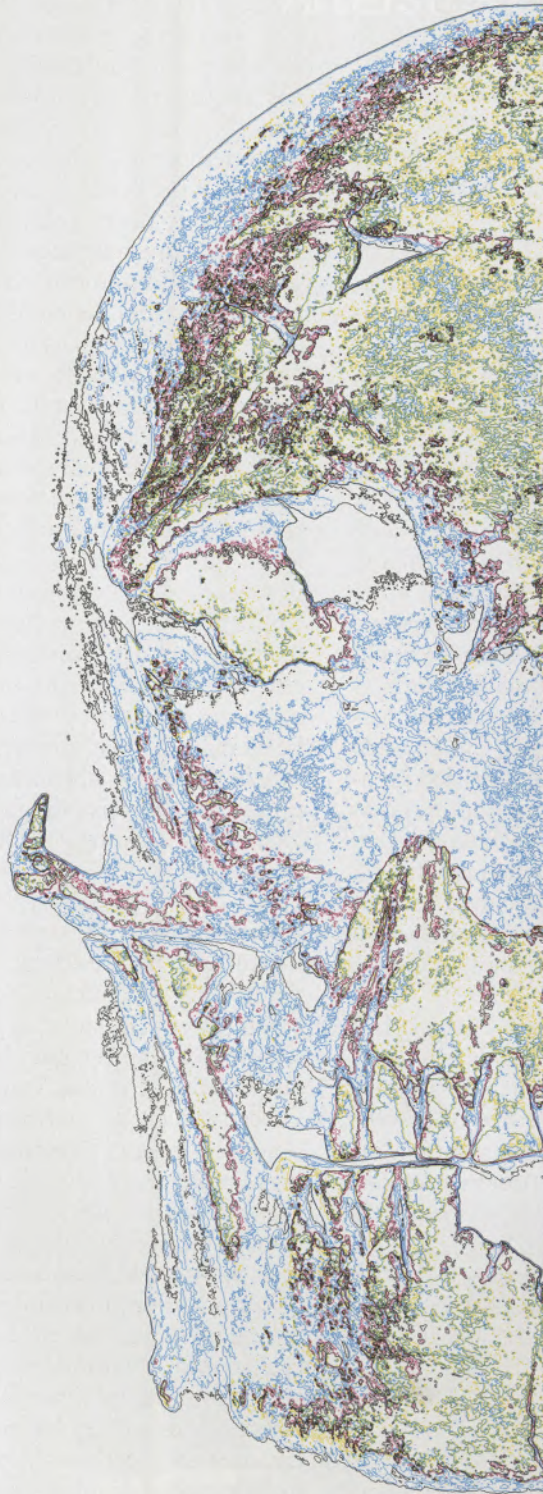
do que se imaginava – aproximadamente dez mil anos atrás, sem paródia à música de Raul Seixas — e eram um povo singular, com uma identidade ainda em construção. Estavam a meio caminho entre o homem do mar e o homem do mato. A rigor, não eram uma coisa nem outra, provavelmente um híbrido dos dois. Sua vida social emulava certos comportamentos de moradores do litoral, mas seus traços físicos lembravam, em alguns casos, os de habitantes do interior do Brasil. Eram talvez um reflexo da geografia que os abrigou: viviam geralmente próximos às margens dos cursos de água de uma zona de transição ambiental entre o planalto e a costa, o vale do rio Ribeira do Iguape, no sul do Estado de São Paulo, perto do Paraná. Os membros dessa cultura, que estavam distantes do mar algumas dezenas de quilômetros, enterravam seus mortos e os cobriam com uma grossa camada de conchas, legando para a posteridade um tipo de vestígio arqueológico conhecido como sambaqui, típico das populações da costa.

Ao longo de todo o litoral brasileiro, em especial em Santa Catarina, há grandes sambaquis costeiros, que, às vezes, despontam terra afora como colinas de até 30 metros de altura formadas a partir do acúmulo de mariscos, ostras e berbigões. Apenas no Vale do Ribeira existe uma quantidade significativa de sambaquis fluviais, embora em menor número e de



Fêmures de habitante da pré-história e de humano moderno: sambaquieiros eram menores

dimensões bem mais modestas que os da beira-mar. A altura dos concheiros de rios fica entre 80 centímetros e 1 metro e meio. Um novo olhar sobre o povo que construiu esses sambaquis fluviais começa a ganhar forma com os estudos feitos nos últimos anos por arqueólogos, geofísicos e biólogos da Universidade de São Paulo (USP), que participam de um projeto temático financiado pela FAPESP. O dado mais espetacular do trabalho, que usou até técnicas geofísicas para localizar e caracterizar as concentrações de caramujos no interior dos sítios arqueológicos (veja quadro na página 42), foi a descoberta do mais antigo crânio humano encontrado até agora em São Paulo, com idade de aproximadamente 9 mil anos, talvez até um pouco mais, de acordo com a datação pelo método do carbono 14. “A ossada estava



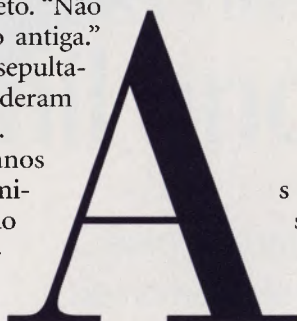
Homem de Capelinha: meio homem do mar, meio homem do mato, membro de um povo singular, com traços não-mongolóides, semelhante a Luzia, o crânio mais antigo do Brasil

num sepultamento situado numa camada geológica bem superficial”, lembra o arqueólogo Levy Figuti, do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP, coordenador do projeto. “Não pensávamos que ela fosse tão antiga.” Conchas próximas ao crânio sepultado também foram datadas e deram idade semelhante à da ossada.

Achado há cerca de seis anos num sítio arqueológico denominado Capelinha I, na bacia do rio Jacupiranga, o crânio masculino foi alvo de um artigo científico publicado em abril deste ano na revista norte-americana *Journal of Human Evolution*. Os restos do habitante pré-histórico do sambaqui fluvial, provavelmente um caçador e coletor de caramujos, são importantes por dois motivos: a idade avançada e os traços anatômicos particulares. Antes da descoberta do novo crânio, o mais antigo registro da presença humana no Vale do Ribeira (e no estado) remontava a 8 mil anos, na forma de esqueletos e outros registros arqueológicos encontrados nos numerosos sambaquis costeiros da região, tidos como mais velhos que os concheiros fluviais. Muito bem preservado, o esqueleto de Capelinha mudou, por ora, esse cenário. Então se pode afirmar que os sambaquis fluviais são mais antigos que os da costa e, conseqüentemente, seus habitantes vieram do interior, se estabeleceram primeiro nos arredores dos rios e só mais tarde ao longo do litoral? Ainda não, respondem os pesquisadores. “Há cerca de 10 mil anos, a planície costeira era maior e o mar estava alguns quilômetros mais longe do que se encontra hoje”, pondera Figuti. “Desde então, a maré vem subindo e é possível que os sambaquis costeiros mais antigos tenham sido submersos pelo oceano.” Se a hipótese estiver correta, nunca se saberá com certeza se eles eram mais velhos que os sambaquis fluviais.

Fora sua inesperada idade avançada, o homem de Capelinha revelou mais surpresas. O crânio pertenceu a um indivíduo de uns 30 anos, com cerca de 1,60 metro, que, ao contrário dos sambaquieiros típicos do litoral e da maioria dos habitantes da pré-história nacional, não tinha traços mongolóides (orientais). “Era um indivíduo grácil,

pequeno”, comenta a bióloga Sabine Eggers, do Instituto de Biociências da USP, outra pesquisadora da equipe.



As medidas e o formato de seu crânio exibiam características negróides, similares às encontradas nos atuais aborígenes australianos e africanos – e em Luzia, o famoso crânio de uma jovem que viveu há 11 mil anos na região de Lagoa Santa, nos arredores de Belo Horizonte, considerado o mais antigo fragmento de esqueleto humano do Brasil. O homem de Capelinha apresentava craniossinostose, uma malformação genética caracterizada pelo fechamento precoce das suturas do crânio. O problema, no entanto, não alterou forma e tamanho dos ossos. Tinha ainda lesões no fêmur e na clavícula, decorrentes provavelmente de grandes esforços físicos. “As marcas na clavícula sugerem a execução de movimentos repetitivos, como o nado ou o ato de remar”, salienta Sabine. Seja originário do litoral ou do planalto, ele parecia adaptado ao meio aquático.

Se era parecido com Luzia, o homem de Capelinha só pode ter vindo do interior do país, e não do litoral, certo? É provável que sim. Mas os pesquisadores não sabem até que ponto o crânio de Capelinha é representativo dos primeiros habitantes dos sambaquis de

rio de todo o Vale do Ribeira. O fragmento de esqueleto pode ser a exceção, e não a regra na região. A equipe da USP encontrou restos de cerca de 60 indivíduos em sambaquis fluviais. Apenas um sexto deles foi datado por carbono 14, e todos eram mais novos que o homem de Capelinha, com idades entre 1.200 e 6 mil anos. A aparência do homem de Capelinha apresenta aspectos contraditórios. À primeira vista, o crânio se mostra bastante diferente das ossadas retiradas do sítio pré-histórico do Moraes, na bacia do rio Juruá, outro trecho do médio Vale do Ribeira. Com idade em torno dos 5 mil anos, os esqueletos de Moraes, o concheiro fluvial de onde saíram fragmentos de 40 indivíduos, eram parecidos com os das típicas populações mongolóides que viveram no mesmo período nos sambaquis costeiros da Baixada Santista. Entretanto, análises mais detalhadas sugerem que as diferenças físicas entre os restos humanos de Capelinha e Moraes não são tão grandes. Ou seja, há mais dúvidas que certezas. “Com nossos trabalhos abrimos o leque de problemas sobre a ocupação da região”, afirma o arqueólogo Paulo De Blasis, do MAE/USP.

Zona de contato - Os sambaquis fluviais no sul de São Paulo são conhecidos desde o início do século 20, mas começaram a ser estudados de forma mais sistemática apenas nos anos 1970 e 1980. Rica em grutas, como a famosa Caverna do Diabo, no município de Eldorado, a região atrai levas de espeleólogos, amadores e profissionais. Para os arqueólogos, o Vale do Ribeira, em especial sua porção média, representa uma oportunidade de conhecer e estudar os povos pré-históricos que se estabeleceram numa área considerada como ligação entre o litoral e o planalto, no andar de cima da serra do Mar. Uma zona onde diferentes culturas entraram em contato e deixaram possivelmente tipos variados de vestígios arqueológicos. “A região também pode ter sido área de refúgio para grupos sob pressão demográfica”, diz Figuti. O médio Vale do Ribeira era um ponto de encontro devido à sua particular geografia. Ao contrário dos demais rios paulistas que nascem no planalto e correm para oeste, o Ribeira do Iguape flui para leste, a

O PROJETO

Investigações arqueológicas e geofísicas dos sambaquis fluviais no Vale do Ribeira do Iguape, Estado de São Paulo

MODALIDADE

Projeto Temático

COORDENADOR

LEVY FIGUTI – MAE-USP

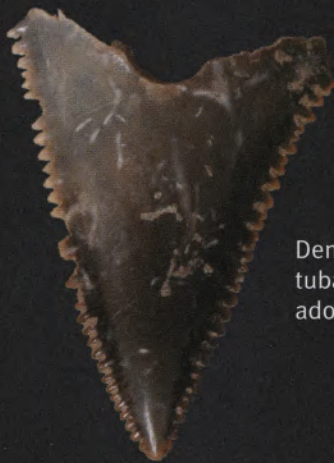
INVESTIMENTO

R\$ 254.359,74

Artefatos da pré-história



Anzol feito com osso de mamífero



Dentes de tubarão viram adornos



Pontas de osso de mamífero (esq.) e de esporão de raia



Pontas de flechas de diversos materiais



Retocador feito de chifre de veado



Dente de porco-mato usado como furador



Adorno de canino de quati

Ossos de mamíferos, cortados e polidos

Conchas da espécie marinha *Lucina pectinatus*, do caramujo terrestre *Megalobulimus* e de marisco de água doce

caminho do mar. Em sua jornada rumo ao Atlântico, cruza serras e corta pequenos vales, formando microambientes diversificados que funcionam como pontes naturais entre o litoral, quente, e o planalto, mais frio. No lugar das escarpas abruptas da serra do Mar, que mais separam do que ligam a costa ao planalto, a região do Ribeira apresenta um relevo mais suave que integra a zona litorânea à montanhosa.

Os pesquisadores da USP estudaram 29 sambaquis fluviais do Vale do

Ribeira. A maioria dos sítios arqueológicos tem forma circular, se estende por uma área de 500 a 1.900 metros quadrados e é conhecida pela população local devido aos seus típicos montículos de caramujos terrestres, conchas do gênero *Megalobulimus*. Os concheiros são mais frequentes em alguns trechos do vale, sobretudo na bacia do rio Jacupiranga e no município de Itaoca, e em menor escala na bacia do rio Ju-

quiá. A cronologia exibida por esse conjunto de sítios pré-históricos levou os pesquisadores a especular que a pré-história dos sambaquis fluviais pode ser provisoriamente dividida em três períodos. A primeira fase abarcaria dois sítios da bacia do Jacupiranga, entre os quais o de Capelinha I, com idades en-

Raios gama na arqueologia

Por serem pequenos e menos visíveis que os sambaquis litorâneos, os concheiros fluviais podem ser de difícil localização e delimitação. Para minorar esse problema, os pesquisadores do projeto temático testaram a eficiência de medições geofísicas, normalmente usadas para encontrar minérios, como ferramenta no trabalho de prospecção arqueológica. Uma das técnicas postas à prova, a gamaespectrometria, se mostrou útil para descobrir os montículos de conchas que caracterizam os sambaquis. Por esse método, um sensor registra durante um minu-

to a radiação gama naturalmente emitida pelas camadas geológicas do solo. “Na mineração, esse tipo de medida é usada para procurar depósitos de urânio e tório”, afirma Carlos Alberto Mendonça, do Instituto Astronômico e Geofísico (IAG) da USP, que coordenou essa parte dos estudos. Locais com maior radiação podem indicar a presença de minerais com esses elementos.

Com os sambaquis ocorre o contrário. Lugares com menor radiação



LEW FIGUETI

tendem a ser ricos em calcário, uma pista de que ali deve haver um sambaqui. Afinal, a concha do molusco é feita basicamente de carbonato de cálcio. A adoção da gamaespectrometria deu tão certo que levou à descoberta de um segundo concheiro, menor do que o sambaqui principal, no sítio arqueológico de Capelinha. Os pesquisadores ainda testaram outras técnicas para



Colar feito com caninos de bugio e detalhe do dente do macaco

tre 8.500 e 9.200 anos. A segunda comportaria nove sítios, dispersos pelos três trechos com maior concentração de concheiros. Esses sambaquis têm idade entre 7 mil e 3.500 anos. A terceira etapa juntaria sete sítios, todos da região de Itaoca. Nesses lugares há indícios de que a cultura dos últimos sambaquieiros

dos rios esteve presente por somente meio século, entre 1.700 e 1.200 anos atrás. Há dois intervalos de tempo em que não há registros de sambaquis fluviais, entre 8.500 e 7 mil anos e entre 3.500 e 1.700 anos. Isso não quer dizer que não existiam habitantes na região nessas épocas. Segundo os pesquisadores, novas escavações podem reduzir as lacunas de informação.

A presença de conchas nos sambaquis fluviais induz a pensar que a dieta dos habitantes pré-históricos do médio Ribeira era à base de moluscos e peixes de rio. A impressão pode ser falsa. Não há registros de cozimento dos moluscos nem de quebra no seu ápice para retirar a carne. Os caramujos podem ter sido coletados prioritariamente para a construção dos montículos funerários. “O sambaqui do Moraes pode ter sido um sítio usado somente para realizar sepultamentos, como um cemitério, e não como lugar de moradia”, comenta a arqueóloga Claudia Regina Plens, que faz doutorado no MAE/USP. “Em alguns casos descobrimos como os sambaquieiros fluviais morriam, e não como eles viviam”, explica Figuti. Vestígios de vários mamíferos, como porcos-do-mato, veados, bugios, pacas e tatus, sugerem que a caça pode ter sido uma fonte de comida mais importante que a pesca ou a coleta de moluscos.

A chamada cultura material dos povos pré-históricos do médio Vale do Ribeira espelha a influência tanto do planalto como do litoral na construção de utensílios, ferramentas e armas. Um adorno típico era o colar feito com dezenas de dentes caninos de bugio perfurados, encontrado às vezes em torno do pescoço de corpos sepultados. Pelo jeito, eles aproveitavam quase tudo desses macacos. Versões marinhas do enfeite, com dentes de tubarão, também aparecem em alguns sítios. Pontas de flechas feitas de sílex, quartzo e outros materiais mostram que caçar era preciso. Dentes de mamíferos e, com menor frequência, de peixes marinhos e arraias eram usados como perfuradores ou pontas cortantes. Ossos de animais terrestres eram polidos e viravam objetos que lembram uma flauta, embora sua utilidade, desconhecida, possa não ter sido das mais musicais. Três anzóis de uns 5 centímetros de comprimento, feitos com ossos de animais, foram talvez os artefatos mais inusitados resgatados nos sambaquis fluviais. “Não costumamos achar anzóis nem nos sambaquis litorâneos”, explica Figuti. “Que peixe de rio eles poderiam pegar com isso?” Os antigos habitantes do médio Vale do Ribeira, talvez os primeiros paulistas da pré-história, eram diferentes, um povo nem tanto ao mar nem tanto à terra. •



EDUARDO CESAR

Sondagem arqueológica no Vale do Ribeira e conchas encontradas na região: locais com menor radiação podem abrigar sambaquis

achar vestígios arqueológicos, como a medição do magnetismo do solo, que poderia indicar a existência de fogueiras pré-históricas. Mas os resultados não foram tão animadores.